

ORDEM DA LIBERDADE
MEMBRO HONORÁRIO

AUTORES

S.P.A. JUL / SET 2022
REVISTA DIGITAL N. 8

SEM AUTORES NAO HÁ CULTURA

FERNANDO
TORDO

PRÉMIO LÍNGUA MÃE 2022



ÁLVARO **CASSUTO**
PRÉMIO VIDA E OBRA 2022

REVISTA AUTORES

Director José Jorge Letria

Coordenação Editorial Paulo Sérgio dos Santos

Coordenação de Imagem Jaime Serôdio



SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES

+351 213 594 400
geral@spautores.pt

Av. Duque de Loulé 31
1069-153 Lisboa

www.spautores.pt



CONTEÚDOS



06

CÂNDIDA PINTO

"UM DOS ELEMENTOS QUE ME FASCINA NO MEIO DO CAOS QUE SE GERA, É ENCONTRAR O SER HUMANO MAIS PERTO DO SEU ESTADO GENUÍNO, TRANSPARENTE."

04 EDITORIAL

A SPA SABE QUE TEM CONDIÇÕES PARA CONTINUAR A SER REFERÊNCIA MOBILIZADORA E CREDÍVEL NA NOSSA VIDA CULTURAL

09 SPA/ANTENA2 | 2022

VENCEDORES DO PRÉMIO DE COMPOSIÇÃO

10 ASSIM VAI O MUNDO

PÁGINA DE TEXTO DE OPINIÃO

18 ÁLVARO CASSUTO

"AS GRAVAÇÕES QUE EU TENHO FEITO COM ORQUESTRAS ESTRANGEIRAS TÊM SIDO POR INICIATIVA DA NAXOS"

JOSÉ JORGE LETRIA

SPA COM BOAS CONTAS TRATA DO FUTURO DOS AUTORES E DA SUA COOPERATIVA

A boa gestão da cooperativa cria condições para que novos passos possam ser dados, designadamente no que toca ao reconhecimento dos méritos e qualidades de autores que admiramos e aplaudimos.

Pela segunda vez atribuímos o Prémio Língua Mãe, criado no âmbito da cooperação regular da SPA com a CMTV, tendo desta vez a distinção galardoado Fernando Tordo como grande autor e intérprete de canções que, merecidamente, ficaram na memória e no ouvido de várias gerações.

Por outro lado, atribuímos pela primeira vez o Prémio Mário Mesquita, à grande repórter de televisão Cândida Pinto, a trabalhar com a RTP desde 2018. Cândida Pinto, com vários jornalistas presentes e também com Nicolau Santos e com António José Teixeira, respetivamente presidente da Administração da RTP e seu director de informação, falou da responsabilidade que há muitos anos assume como jornalista de televisão em vários teatros de guerra.

Em Bruxelas, o presidente da SPA voltou a participar presencialmente numa reunião da Direcção do Grupo Europeu de Sociedades de Autores (GESAC), com sede na capital belga. Ali, a

SPA assistiu à entrega às sociedades de Autores de um estudo rigoroso e abrangente sobre o fenómeno de "streaming".

Entretanto, a SPA já decidiu que o Prémio Pedro Osório será entregue no final de Janeiro próximo a Carlos Alberto Moniz, pelo seu triplo LP, que celebra mais de 50 anos de carreira como autor, intérprete e orquestrador.

No meio deste esforço colectivo, a SPA continua a renovar os seus apoios aos trabalhadores da instituição, ao mesmo tempo que desenvolve esforços no sentido de que a cooperativa venha a ter uma nova sede, dispondo de um adequado espaço de estacionamento, objectivo que deverá ser concretizado com o apoio da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, já contactada para esse fim.

Os próximos meses e anos irão ser de muito trabalho e também de luta pelo reforço da unidade dos autores portugueses e preparação das comemorações do cinquentenário do 25 de Abril e do centenário da fundação da cooperativa em 2025. Com uma equipa técnica competente e mobilizada, a SPA sabe que tem condições para continuar a ser uma referência mobilizadora e credível na nossa vida cultural, apoiando também os autores com um exemplar Fundo Cultural.

A Direcção e o Conselho de Administração,
Outubro de 2022

SPA REFORÇA APOIO AOS COOPERADORES

AUMENTA O SUBSÍDIO ESTATUTÁRIO



O subsídio estatutário, devidamente previsto no artigo 56º dos Estatutos da cooperativa, constitui um apoio fundamental para a maioria dos cooperadores e respectivos cônjuges sobreviventes, que dele beneficiam, particularmente importante nesta altura de crise agravada.

A SPA, sempre atenta às dificuldades dos seus cooperadores, mas sem colocar em causa a sustentabilidade da cooperativa que tem vindo a ser mantida apesar dos constrangimentos externos, deliberou actualizar o valor dispendido com este apoio aos cooperadores.

Deste modo, o subsídio estatutário será aumentado em 5%, mantendo-se em vigor todas as regras de atribuição actualmente praticadas. Esta medida produzirá os seus efeitos a partir do pagamento referente ao subsídio estatutário de Agosto de 2022.

A Direcção da SPA aprovou, na sua reunião de 20 de Julho, uma alteração ao regulamento do Fundo Cultural que, entre outras coisas, define ainda

ainda melhor os critérios objectivos de apresentação e de apreciação das candidaturas, bem como os prazos de entrega das mesmas que passam a ser entre 1 e 30 de Setembro e 1 e 31 de Março.

O novo regulamento deste importante instrumento de apoio à actividade criativa está desde Julho disponível no site da cooperativa.

PODE CONSULTAR O REGULAMENTO DO FUNDO CULTURAL NO NO SITE

WWW.SPAUTORES.PT

**SPA APROVOU
ALTERAÇÃO AO
REGULAMENTO DO
FUNDO CULTURAL**

SPA ESTRANHA AUSÊNCIA DE DECISÃO SOBRE A

TRANSPOSIÇÃO DA DIRECTIVA DO MERCADO ÚNICO DIGITAL

A SPA volta a apelar ao governo para que tome providências urgentes para a transposição da Directiva 2019/790 do Parlamento Europeu e do Conselho, relativa aos direitos de autor e direitos conexos no mercado único digital.

O prazo dado pela Comissão Europeia – que abriu um procedimento por infracção – termina já no dia 19 de Julho.

Recorde-se que o governo português, que tinha apresentado uma proposta de transposição, entretanto

caducada devido à antecipação das eleições legislativas, dispõe já de uma sólida base de trabalho que lhe permite ganhar tempo neste tão importante objectivo.

Os autores e artistas, que já esperam há demasiado tempo por uma legislação que os proteja e defenda das grandes plataformas comerciais geradoras de lucros astronómicos à custa do seu talento mas que tão mal os remunera, esperam que sejam tomadas medidas céleres para tratar esta tão importante questão.

A portrait of Cândida Pinto, a woman with short, wavy, light brown hair, smiling gently. She is wearing a white, long-sleeved blouse and a colorful beaded necklace. She is holding a large, thick book with a light-colored cover and a dark spine. The background is dark and out of focus.

CÂNDIDA PINTO

PRÉMIO MÁRIO MESQUITA 2022

TEXTO DA JORNALISTA CÂNDIDA PINTO

Na entrega do prémio MÁRIO MESQUITA 2022

Muito obrigada à Sociedade Portuguesa de Autores aqui na pessoa do seu presidente José Jorge Letria por este prémio. Também agradeço a presença de Ana Medina Mesquita, filha de Mário Mesquita, que conheci hoje aqui e a quem muito agradeço as palavras que proferiu.

É uma elevada honra e um imenso orgulho receber este prémio com o nome de Mário Mesquita. Sinto-me muito pequena perante quem foi Mário Mesquita.

Não tive a sorte de ter sido aluna dele, mas não há colega jornalista que tenha passado pelas aulas dele e que não abra um sorriso de entusiasmo e ternura para evocar o professor. Pelas qualidades humanas, pelo rigor e exigência que Mário Mesquita colocava no que fazia. Pelas oportunidades de pensamento que abria, pela curiosidade com que contaminava os que andavam à volta dele. Pelo ser livre que era. O académico, o teórico, o jornalista. Uma personalidade inspiradora e prestigiante que tanto fez pelo jornalismo em Portugal.

O jornalismo é sempre um exercício arriscado onde é preciso ter a mente aberta para interpretar sem preconceitos ou ideias pre-concebidas a realidade. E a realidade está sempre em mudança, ultrapassando tantas vezes a ficção.

Ao mesmo tempo o jornalismo dá-nos esse

privilegio de andar sobre a fina linha da atualidade, de vibrar com os acontecimentos, de nos aproximarmos dos factos com paixão e racionalidade e dúvida.

A dúvida. Passei uma boa parte do primeiro semestre deste ano na Ucrânia e, ao início, tive imenso pudor em usar a palavra guerra. Nos primeiros dias não a usava. Tinha dúvidas. Porque tenho muito respeito e desprezo pelo que é uma guerra, o que é que isso implica. Porque apesar de todos os indicadores e avisos, não achava concebível que em 2022 na Europa, não existisse entendimento suficiente para abortar um conflito de grandes proporções. Estava enganada.

Nos locais de conflito avançamos com esse escudo protetor que é o jornalismo.

É o que fazemos que nos permite aproximar dos factos, tentar entender, descodificar, interpretar e revelar. E um dos elementos que me fascina no meio do caos que se gera, é encontrar o ser humano mais perto do seu estado genuíno, transparente. A urgência da sobrevivência faz cair máscaras, revela o absurdo e o sublime. Os atos heróicos que não estão à espera de aplausos e a brutalidade mais violenta.

Hoje vivemos num mundo instantâneo, ou seja, sabe-se quase tudo o que passa em quase todo o mundo, ao mesmo tempo. Na Ucrânia, por exemplo, convivem as trincheiras

"que lembram a Primeira Guerra Mundial, com a internet que nos permite estar em permanente contato.

A multiplicidade de redes de informação, de redes sociais, debitam todo o tipo de dados com informações fundamentais no meio de construções falsas, de manipulações. O escrutínio é por isso essencial e os ensinamentos de Mário Mesquita indispensáveis: ir ao local, estar presente, questionar as fontes, cruzar perspectivas, levantar hipóteses, ter exigência e rigor. Por tudo isso acho que não há nada que substitua a presença de um jornalista no terreno. É cada vez mais importante e necessário.

Sempre interpretei o "estar no sítio" e a profissão de jornalista como uma responsabilidade e um dever de serviço público seja em que meio de comunicação social for. O destinatário a que nos dirigimos é o público que está em casa na comunidade a que pertencemos, que vive em Portugal ou fala português noutros lugares. E temos a missão de lhe dar elementos para entender melhor o mundo que nos rodeia, dar contexto, seguir o evoluir dos acontecimentos em diferentes geografias.

O facto de "estarmos no sítio" seja onde for, implica essa responsabilidade de transmitir uma informação fidedigna, confiável, tão próxima dos factos quanto possível.





Para isso a formação do jornalista é essencial e nunca está acabada, constrói-se dia-a-dia. Por isso os ensinamentos que Mário Mesquita foi distribuindo ao longo dos anos por tantos estabelecimentos de ensino superior, são preciosos.

Ao receber este prémio fico também muito feliz porque acaba por colocar o foco na área onde me movo há décadas e que constitui o miolo do meu trabalho: a reportagem internacional. Talvez por sermos geograficamente periféricos, talvez por outras razões, o internacional tem normalmente um lugar menor, mais restrito no dia-a-dia do que é emitido ou publicado. A não ser em momentos especiais de conflitos de larga escala ou ocasiões eleitorais ou noutros eventos de grande amplitude.

Mas creio que só nos engrandece dar atenção ao que se passa à nossa volta no mundo. Há muitas realidades esquecidas, situações que nos escapam ao radar. Hoje vivemos num tempo de grandes inter-dependências em que o degelo da Antártida nos vai afetar, em que as secas prolongadas geram conflitos, em que as alterações climáticas significam fome. A nossa frágil condição está toda ligada.

Há cerca de duas décadas, no virar do século muita coisa mudou para o trabalho dos jornalistas sobretudo em contexto de conflito. O ataque às Torres Gémeas de Nova Iorque a 11 de Setembro de 2001, a posterior intervenção militar ocidental no Afeganistão e a invasão do Iraque em 2003 elevaram a complexidade das coberturas jornalísticas. Surgiram perigos maiores, o terrorismo começou a ganhar uma nova dimensão. No verão de 2003 foi atacado o edifício das Nações Unidas e a sede da Cruz Vermelha Internacional ambos devido a atentados em

Bagdad. Instituições que até aí eram alvo do respeito internacional.

Estes dados alteraram a percepção dos conflitos, tudo ficou mais vulnerável.

Houve uma altura em que os jornalistas em Bagdad não eram aconselhados a permanecerem num local mais de 45 minutos, por risco de engenhos explosivos improvisados serem colados nos carros. A proteção dos civis e dos jornalistas passou a ficar em causa.

Os civis. É rente ao chão que estão os civis em qualquer conflito.

Muitas vezes calados, com medo. Sobretudo nas sociedades opacas onde a liberdade de expressão é uma miragem.

Mário Mesquita conheceu os rigores da falta de liberdade de expressão, da ditadura antes do 25 de abril contra a qual lutou de forma militante e empenhada como político e como jornalista.

No nosso contexto atual a falta de liberdade de expressão parece uma realidade longínqua, que faz parte da história. Mas quando se pisam territórios onde o medo e o risco de falar é uma realidade, dá-se um outro valor ao que é a Liberdade.

Nunca me esqueço de uma professora universitária que na baixa de Trípoli, na Líbia em 2011, festejava o que na altura era a primavera árabe e o derrube de Khadafi. E festejava por duas razões: porque acreditava que teriam acabado os súbitos desaparecimentos de pessoas e porque achava que tinha conquistado uma nova identidade como cidadã livre para expressar-se. Mas depois da primavera, a Líbia voltou a mergulhar no caos.

Foi pela Líbia que muitos milhares de refugiados da Síria tentaram chegar ao Mediterrâneo e à Europa em 2015. O impacto dessa crise teve

muitas ondas de choque com países da Europa a erguerem muros. Mais uma vez viam-se, nas portas da União Europeia, civis desorientados, sem saberem onde estavam, à beira do precipício, "à procura de equilíbrio.

E perguntavam-nos: "Onde estou?"

Entre a intolerância e a empatia temos de saber onde estamos. Por vezes parece ser difícil colocarmo-nos na situação dos outros,

dos que tudo perderam e que munidos de uma extraordinária coragem e resiliência procuram reerguer-se no local onde vivem ou partem à procura de um futuro, de um chão firme que não lhes saia debaixo dos pés. Mas todos somos seres vulneráveis.

O jornalismo é hoje mais necessário do que nunca dada a complexidade das sociedades e dos conflitos. A simplificação e a falta de tolerância levam muitas vezes a reduzir situações complexas a um sim ou um não, a apreciações precipitadas, sem contexto. As ameaças, a intimidação, a violência, a insegurança humanitária fazem parte do nosso presente. Há risco mas nada é pior do que situações, conflitos calados e esquecidos. E a democracia é um regime sob ameaça onde todos os dias devemos cuidar da liberdade, da diferença e da tolerância.

Aos jornalistas compete todos os dias estar disponível para recomeçar, recomeçar sempre. Manter aquela inquietação para ver de perto, a curiosidade que nos impele a seguir em frente. Nunca entendi a partida para uma zona difícil como um dado adquirido, ou seja, que se domina. Antes como um desafio. Claro que a experiência dá-nos algumas ferramentas para trabalhar. Mas os contextos mudam, as tecnologias mudam, as formas de fazer mudam. Há sempre coisas novas para aprender com o passado e com as novas gerações. E as borboletas no estômago estão lá sempre.

No dia 27 de Maio de 2022 quando Mário Mesquita nos deixou, estava a voltar de Zaporizhzhya para Kiev, na Ucrânia, com o repórter de imagem David Araújo, grande companheiro, íntegro, inteiro, cúmplice, disponível.

Aliás ao longo dos anos nunca trabalhei sózinha. Sempre com um colega de equipa. A eles também devo um agradecimento especial e a partilha deste prémio porque sem eles não conseguiria ter feito o caminho que fiz.

E aos outros colegas de trabalho, e às empresas que acreditaram no que estávamos a fazer e nos deram oportunidades.

E à família e aos amigos que me rodeiam e apoiam e estão lá nos bons e nos maus momentos.

OBRIGADA A TODOS
E VIDA LONGA AO PRÉMIO MÁRIO MESQUITA
CÂNDIDA PINTO

VENCEDORES DO PRÉMIO DE COMPOSIÇÃO

SPA/ANTENA2 | 2022



SPAUTORES © JAIME SERÓDIO

O compositor **João Pedro Bastos**, com a obra **"Seis Visões Sobre o Inferno de Gropius"** venceu, por unanimidade, a **11ª Edição do Prémio de Composição SPA / Antena 2**.

O Júri da 11ª Edição do Prémio de Composição SPA / Antena 2, constituído por **Pedro Neves**, **António Pinho Vargas** e **Nuno da Rocha**, decidiu também atribuir o **2º Prémio** a **João Filipe Pacheco** com a obra **"Burning Sands"** e uma **Menção Honrosa** a **Vasco Martins** com a obra **"Lamento"**.

Entregamos o Prémio no dia 29 de Setembro na Fundação Calouste Gulbenkian.

PRÉMIO DE COMPOSIÇÃO

SPA/ANTENA2 | 2022

"SEIS VISÕES SOBRE O INFERNO DE GROPIUS"
DE JOÃO PEDRO BASTOS

SPA ESTABELECE PARCERIA COM A SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

Uma delegação do Conselho de Administração da SPA foi recebida pelo provedor da Santa Casa da Misericórdia, Edmundo Martinho, com quem conversou sobre a vida da cooperativa e sobre a preparação das comemorações do seu centenário, em maio de 2025.

José Jorge Letria explicou a Edmundo Martinho o que a cooperativa fez ao longo de décadas de trabalho com os autores portugueses, as suas renovadas responsabilidades internacionais, a importância do Fundo Cultural e de outros mecanismos de apoio aos criadores portugueses. Deu-lhe igualmente conta do número de autores que actualmente integram a SPA e que continua a aumentar todos os meses. Depois foi explicada a importância da construção de uma nova sede com espaço de estacionamento e condições para acolher a muito diversificada actividade artística e cultural.

The logo for Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. It features the words "SANTA" and "CASA" in a large, serif font, with "SANTA" above "CASA". Below "CASA" is the text "Misericórdia de Lisboa" in a smaller, sans-serif font. The entire logo is set against a white background.

Nesse quadro, a SPA solicitou ao provedor da Santa Casa da Misericórdia o apoio da instituição para a criação de um novo espaço, acessível, moderno e operacional. Edmundo Martinho equacionou diversas possibilidades de apoio, sobre as quais as duas instituições irão agora conversar com regularidade.

Nesta produtiva reunião de trabalho foram referidas diversas áreas em que a SPA e a Santa Casa poderão cooperar, tendo em conta, por exemplo, os desafios lançados pelas novas tecnologias e alguns projectos inovadores apresentados pelo provedor. Ficou claro que as duas instituições têm um amplo terreno para colaborar e trocar impressões e experiências. Em vários domínios irão trabalhar em parceria, possibilidade que muito agrada à SPA.



ASSIM VAI O MUNDO

TEXTO DE OPINIÃO

PAULA CRISTINA CUNHA

Doutorada em Ciências Sociais.
Administradora na Sociedade Portuguesa de Autores.

A INSUSTENTÁVEL LEVEZA DO "ACHISMO"

O Ranking Global de Competitividade diz que Portugal piorou, passando do 36º (em 2021) para o 42º lugar (em 2022, entre 63 países). Algum algoritmo embirrou connosco pois a criatividade lusa nunca esteve tão em alta, tendendo à quantidade de pessoas que “acham” qualquer coisa sobre qualquer assunto. “Achar” passou a ser sinónimo de sabedoria transformada em certeza absoluta e visível por todo o lado.

Opina-se sobre a saúde, o ensino, o local para o aeroporto - ou mesmo se este é preciso-, o árbitro, o vestido que a Clara de Sousa usou nos Globos de Ouro. A guerra, o nuclear, as eleições brasileiras, qualquer coisa e o seu contrário.

Por exemplo, ultimamente reapareceu no mainstream do “achismo” o tema das Pessoas. Palavras como “motivar”, “empenhar”, “envolver”, “inspirar”, tornaram-se o novo credo como se há muito tempo não fosse já esta, felizmente, a prática em muitas empresas. Aposto que o Sr. Rui (Nabeiro) nunca se preocupou com o *quit quitting*, nem com a *great resignation*, nem precisou que um *expert* lhe explicasse como manter uma relação saudável com os colaboradores.

Sim, os trabalhadores são pessoas. Como o são os gestores. E os líderes. Sim, todos precisam de equilíbrio na equação vida profissional/vida pessoal. Sim, há décadas que se estuda este tema. Não, não é novidade. Não, não existem soluções mágicas a não ser as que se baseiam no bom senso, na consciência individual e colectiva, no sentido de justiça e de equidade e, acima de tudo, na vontade.

Anders Ericsson, psicólogo sueco e professor na Florida State Academy, estudioso sobre a *expertise* das pessoas, com base no estudo de artistas de elite concluiu (“Psychological Review”, 2006), que todos os que tiveram sucesso neste competitivo mundo gastaram pelo menos 10.000 horas em “prática deliberada sustentada”.

E Roger Kneebone, professor no Imperial College London, autor de “Expert: Understanding the Path to Mastery” (2020), defende, num artigo recente na revista digital “Psyche”, que para se ser “especialista” é necessário um enorme investimento de tempo (anos), embora se possa passar anos a estudar/aprender/praticar e nem por isso se conseguir atingir o patamar de excelência. Um paradoxo que não só não retira força ao argumento da prática continuada e do estudo, como ajuda a enfatizar a necessidade de termos mais humildade quando nos propomos “achar”.

Em Portugal parece que todos nascemos “especialistas” em quase tudo, do que não viria grande mal ao mundo se as múltiplas opiniões fossem expressas na esfera do privado e não no espaço que todos partilhamos. O problema surge quando os nossos “achismos”, infundados e pouco rigorosos, influenciam comportamentos e podem conduzir a situações perigosas, quando não mesmo fatais.

Se deixarmos os verdadeiros especialistas – que os há em todas as áreas, e com muita qualidade – opinarem e transferirmos a nossa vontade de partilhar ideias para algo mais útil como praticar uma cidadania activa, construtiva e solidária, contribuiremos para a “despoluição” mental.

E, em tempos exigentes, bem precisamos de manter a sanidade mental e societal, sob pena de nos perdermos e ninguém nos achar.



FERNANDO
TORDO

ENTREVISTA
FERNANDO TORDO

PRÉMIO LÍNGUA MÃE 2022

Vencedor do Prémio Língua Mãe da Sociedade Portuguesa de Autores, afirma que ainda tem muito para fazer, sublinhando a grande importância da serenidade, embora nunca aceite “a rábula do contentinho”.

E ste prémio surpreendeu-o de alguma forma?

Este prémio é muito importante porque eu venho de uma geração de quase 60 anos de carreira profissional e esta aposta da língua portuguesa é uma coisa do tempo de miúdo, pelo que é um prémio pela teimosia. Tem que ver com a persistência no trabalho. Mas também pela descoberta da poesia e das palavras... Como é que isso se faz e como é que isso se organiza. Além do meu trabalho com o Ary dos Santos, em que o exercício do trabalho da palavra para a música é um exercício fundamental para a minha aprendizagem e é fundamental no caminho que conduz até este prémio. Estou muito grato à SPA por atribuir um prémio tão importante para a canção em Portugal e pelo que desperta de interesse para as camadas mais jovens. Vamos à secção de poesia de uma livraria portuguesa – que parece que nunca mais acaba – e não percebemos porque é que a partir de um determinado momento este jogo de palavras deixa de ser exercido. É uma coisa de geração. Não vemos ainda a malta jovem interessada por esse exercício. Este prémio não é atribuído a uma pessoa que aparece numa capa das revistas ou revela a sua vida privada. Tem que ver com outro tipo de pessoas.





não nasce um Ary dos Santos todos os dias.



E é um prémio atribuído pelos pares.

É por isso que é o mais importante de todos. A SPA é a entidade mais importante de todas. Em boa hora a SPA se lembrou de atribuir este prémio porque eu tenho esperança que este prémio possa despertar interesse das pessoas por tudo isto que estamos a falar. Por que não começar a escrever? E musicar um poema? Não é uma coisa automática, nem sequer rápida. É um processo maturado. Este prémio distingue quem dedicou a sua vida à língua portuguesa e a usá-la com música.

Tem acompanhado a nova geração?

Sim. Inevitavelmente vejo televisão e oiço rádio. Hoje o nosso país está cheio de músicos como nunca houve na nossa história. Mas não vejo da parte dos compositores um interesse por um conhecimento. Deve ser-se humilde. Perguntar a quem sabe. O que acha disto? Não vejo isto no nosso país. Além de que não nasce um Ary dos Santos todos os dias. Mas pedir a opinião e esta humildade, querer aprender, não se vê em Portugal. Eu venho do tempo mais rico de todos. Estas opiniões que se trocavam eram quase uma festa. Este acervo só não é conhecido por circunstâncias determinadas por editoras disco -



Este prémio não é atribuído a uma pessoa que aparece numa capa das revistas ou revela a sua vida privada.

gráficas. O nosso acervo é único na Europa. O que era um orquestrador nos anos 60, um estúdio, como se fazia uma canção...? Eu canto com orquestras filarmónicas e sinfónicas.

No meu tempo isso não existia. Agora é que era aproveitar. Há um bocadinho mais do que dois acordes numa guitarra. Há música para ouvir. É preciso vencer essa arrogância. Esse isolamento. Eu tenho 74 anos e não sei absolutamente nada.

Mas quando refere que é uma inevitabilidade ouvir os jovens...

É o que aparece. Nós ouvimos nestes concursos gente de outras gerações, não só a compor e a cantar, mas também a opinar. Eu predisponho-me para ouvir. Quero saber. Eu passei por isso. Antes de irmos cantar ao Festival da Canção de 69 foi preciso ir cantar em frente a um senhor, que nem sabíamos quem era. Hoje já nem se usa isso.

Hoje em dia também já não é uma coisa muito importante... Pode ser que apenas queiram viver dois ou três anos de estrelato. Eu queria viver muito mais. Ainda esta manhã estive a compor. Eu não gosto da rábula do contentinho. Há quantos anos não aparece uma grande canção em Portugal? É provável que três ou quatro estejam feitas. Nunca passaram na rádio. A linguagem passou a ser ao contrário. Há uma subversão nisto. Ouvimos mais vezes uma canção que ganhou o Festival da Eurovisão? As pessoas sabem a importância que teve a senhora que fez a canção e o cantor que a cantou?

E a fantástica festa que conseguiram fazer a um país que nunca tinha vencido o Festival? Esta terra queimada que é própria do nosso país... Conseguimos uma coisa que ambicionámos durante 50 anos e depois jogamos fora. Não tenho nada contra novos ou velhos. Sou dos antigos. Mas, provoca-me estranheza, como é que não se ama esta profissão e depois se está disponível para revelar as coisas de casa, dos amantes, dos amigos, etc. A música é uma outra coisa. A rábula do contentinho não. Não está tudo bem.

Fala do nosso país, mas está atento ao que se passa lá fora?

Há uma influência muito grande que vem de fora. Nós temos um país muito pequeno e com um mercado muito reduzido. Há um disco de ouro em Portugal, com o mesmo número de discos que em Espanha ou em França se mandam para as rádios. Não é por acaso que ninguém vive bem da música em Portugal. Agora, grava-se um disco e coloca-se na Internet. Na Austrália podem conhecer esse disco e aqui ninguém conhecer. Isto é uma coisa extraordinária, que tem os defeitos que tem, mas que tem de ser protegida.

A linguagem é diferente, mas o que os músicos e os intérpretes fazem continua a ser igual. Continua a ter que ver com inteligência, com sensibilidade, com paixão e com amor pela música. Repare. Não há nada no mundo como uma orquestra. Imagine 70 miúdos que podem até dar-se mal uns com os outros, mas, quando têm o papel à frente e tocam, são o que de melhor o ser humano pode fazer em colectivo. Isso é uma coisa extraordinária e só acontece com as orquestras. A música é um mundo cheio, um mundo pleno.

Tem a sensação do dever cumprido?

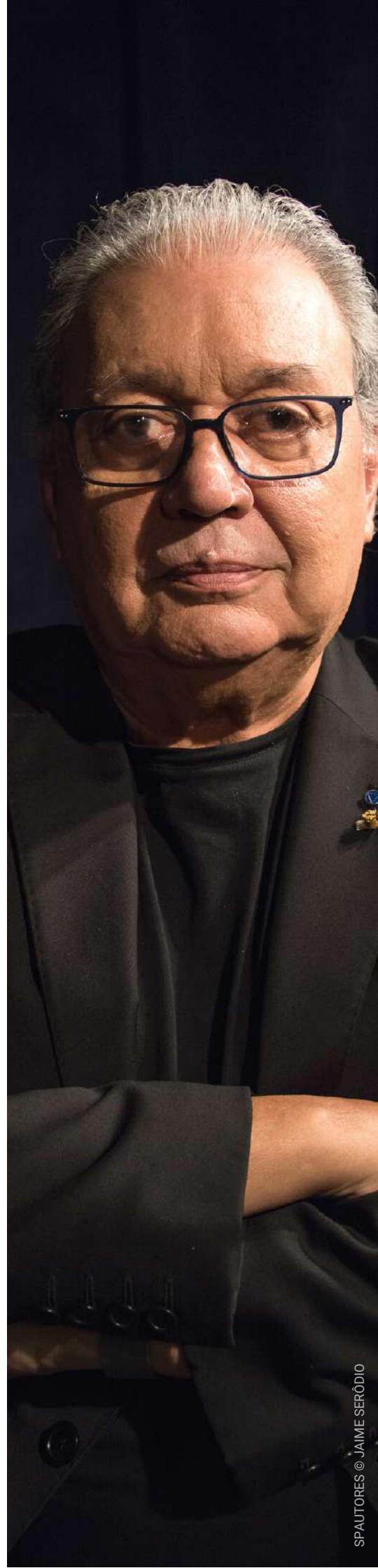
Eu não paro de trabalhar. Só para pintar um bocadinho. Eu não sou pintor. Estou-me nas tintas. Tenho muitas coisas para fazer. Há dois ou três documentos que eu quero deixar e que são importantíssimas na minha vida e também na sociedade em que vivemos, enquanto relato daquilo que vamos passando.

Vê um lado interventivo na música actual?

O lado interventivo no nosso país teve muito que ver com o silêncio. Teve que ver com o cinzento-escuro, até ao 25 de Abril. A partir do momento em que há partidos e em que as pessoas podem escolher, esta coisa da intervenção depois passa a ser uma coisa partidária.



Eu não gosto da rábula do contentinho.



A grande mensagem, aprende-se na vida, é o amor. O que está desfasado é o nosso comportamento. Basta ver a facilidade com que se vai a conduzir e alguém toca na buzina. É uma forma de agressão. O amor é também a temperança e o culto da serenidade. Eu fiz muito esse trabalho do culto da serenidade, até pela minha experiência nos alcoólicos anónimos, onde temos a oração da serenidade. A serenidade convém a todos nós. Estamos aqui para nos ajudar uns aos outros. Eu há 15 ou 20 anos não diria isso, mas hoje digo porque aprendi. Somos muito descontrolados. Mas ninguém vive isoladamente. E o país é muito pequenino. Todos os meus filhos trabalharam no estrangeiro.

Do que trata a música que esteve a compor esta manhã?

Ainda não lhe dei nenhum caminho. Eu gosto de pegar nalguma coisa e desenvolver. Desta vez ainda não é o caso.

Se o seu estado de espírito de hoje se traduzisse numa das suas músicas, qual seria?

Era uma daquelas felizes. Hoje era.



A grande mensagem, aprende-se na vida, é o amor.



REPOSIÇÃO DE BENEFÍCIOS

BENEFÍCIOS FISCAIS PARA OS TITULARES DE DIREITOS DE AUTOR OU CONEXOS

A Sociedade Portuguesa de Autores congratula-se com a decisão de prorrogar o benefício previsto no artº 58 do Estatuto dos Benefícios Fiscais,

atribuído aos criadores e que prevê, genericamente, que os rendimentos provenientes da actividade intelectual sejam considerados no englobamento, até ao montante de 10.000 Euros, para efeitos do IRS, apenas por 50 % do seu valor.

Esta medida que, atendendo à sua importância para os criadores, tinha sido amplamente reclamada pela SPA junto do governo, foi agora concretizada através do despacho nº 221/2022, de 23 de Agosto, do sr. Secretário de Estado dos Assuntos Fiscais.

Esclarece ainda o referido despacho que a prorrogação deste benefício retroage os seus efeitos a 1 de Janeiro de 2022.

SPA ENFRENTA DESAFIOS COM RESPOSTA DE QUALIDADE

A SPA continua a evidenciar um nível positivo de resposta na sua interacção com os sócios. Decorrido um mês após a distribuição de junho,

os serviços da SPA efectuaram aproximadamente 1000 pagamentos de direitos aos autores, tendo enviado 2140 emails relativos a assuntos dos associados, aos quais se somam as trocas diárias de correspondência física. Os funcionários receberam ainda 368 chamadas telefónicas, assegurando as restantes rotinas operacionais do departamento, onde se destaca o pagamento dos subsídios estatutários aos cooperadores. Inscreveram-se na SPA 69 novos membros.

Estes números, foram possíveis graças a novas formas de organização e de melhoria dos serviços prestados, de que são exemplos, entre outros, a formação e multifuncionalidade dos colaboradores, o alargamento do horário, o desenvolvimento dos meios digitais de atendimento e a introdução de senhas electrónicas.

SPA SOLIDÁRIA COM PEDRO ABRUNHOSA EM NOME DA LIBERDADE E DA DEMOCRACIA

A SPA sempre considerou ser o palco um espaço de liberdade para autores e intérpretes, pelo que não deve estar sujeito a formas de cons -

trangimento político ou diplomático, sejam quais forem as circunstâncias.

Por esse motivo, a cooperativa dos autores portugueses manifesta a sua solidariedade e apoio a Pedro Abrunhosa, presidente da sua mesa da Assembleia Geral, e condena a posição assumida pela Embaixada da Federação Russa em relação à sua actuação em Águeda, feita em plena liberdade e em coerência com os princípios e valores que sempre defendeu.

Recorde-se que a SPA, logo após 24 de Fevereiro passado, condenou a invasão russa da Ucrânia, apoiou



SPAUTORES © JAIME SERÓDIO

materialmente acções de solidariedade com o povo vítima e ainda há poucos dias, em articulação directa com a Câmara Municipal de Reguengos, acolheu na casa Gião, ali situada, duas refugiadas ucranianas, que continuará a apoiar, designadamente a nível laboral.

Já antes do 25 de Abril, a SPA era um espaço de liberdade, em particular para os cantores políticos e os escritores que sofriam habitualmente a pressão constante e implacável da Censura. Continuará a ser esta a sua regra e a sua prática, sempre em nome da liberdade e da democracia, sem haver temores ou dúvidas que a façam recuar.

ESTUDO SOBRE MERCADO DO STREAMING DE MÚSICA

APRESENTADO EM BRUXELAS
COM A PRESENÇA DA SPA

O streaming, que é a principal forma de se ouvir música, não remunera justamente os autores das músicas e canções, base deste ecossistema que contabiliza 524 milhões de subscritores a nível mundial, com mais de 2 milhões de utilizadores e mais de 70 milhões de músicas de cerca de 8 milhões de artistas. O GESAC (Grupo Europeu de Sociedades de Autores e Compositores), a cuja Direcção pertence José Jorge Letria, presidente da SPA, encomendou um estudo, apresentado no passado dia 28 de Setembro, em Bruxelas, para analisar o papel dos criadores e das sociedades de autores na economia do streaming, bem como apontar algumas propostas de mitigação do problema. Apesar do aumento substancial dos serviços prestados e do crescimento do número de utilizadores, o rendimento dos autores continua drasticamente baixo, sendo clara a diferença entre os lucros das plataformas e a remuneração dos criadores.

CONSULTE AQUI
O ESTUDO:



SPA ACOLHE REFUGIADOS NA CASA GIÃO COM APOIO DA AUTARQUIA

A SPA, na sequência de uma parceria estabelecida com o município de Reguengos de Monsaraz, disponibilizou a casa Gião para acolhimento de refugiados ucranianos. Actualmente já foram aí instaladas duas pessoas que, forçadas a fugir do seu país devido à violência da guerra, encontram neste equipamento da SPA o conforto de um espaço para residir enquanto procuram uma alternativa mais definitiva, bem como ocupação profissional. Refira-se que esta cedência é a título provisório e está formalizada num protocolo assinado entre ambas as instituições, mediante o qual a autarquia se responsabiliza por todo o apoio logístico, despesas e manutenção da casa. A cooperativa dos autores portugueses, fiel aos valores que sempre a nortearam, continua disponível para prosseguir acções de solidariedade neste e noutros domínios, como tem vindo a fazer ao longo dos seus 97 anos de existência.

ANA LUÍSA AMARAL

1956 - 2022

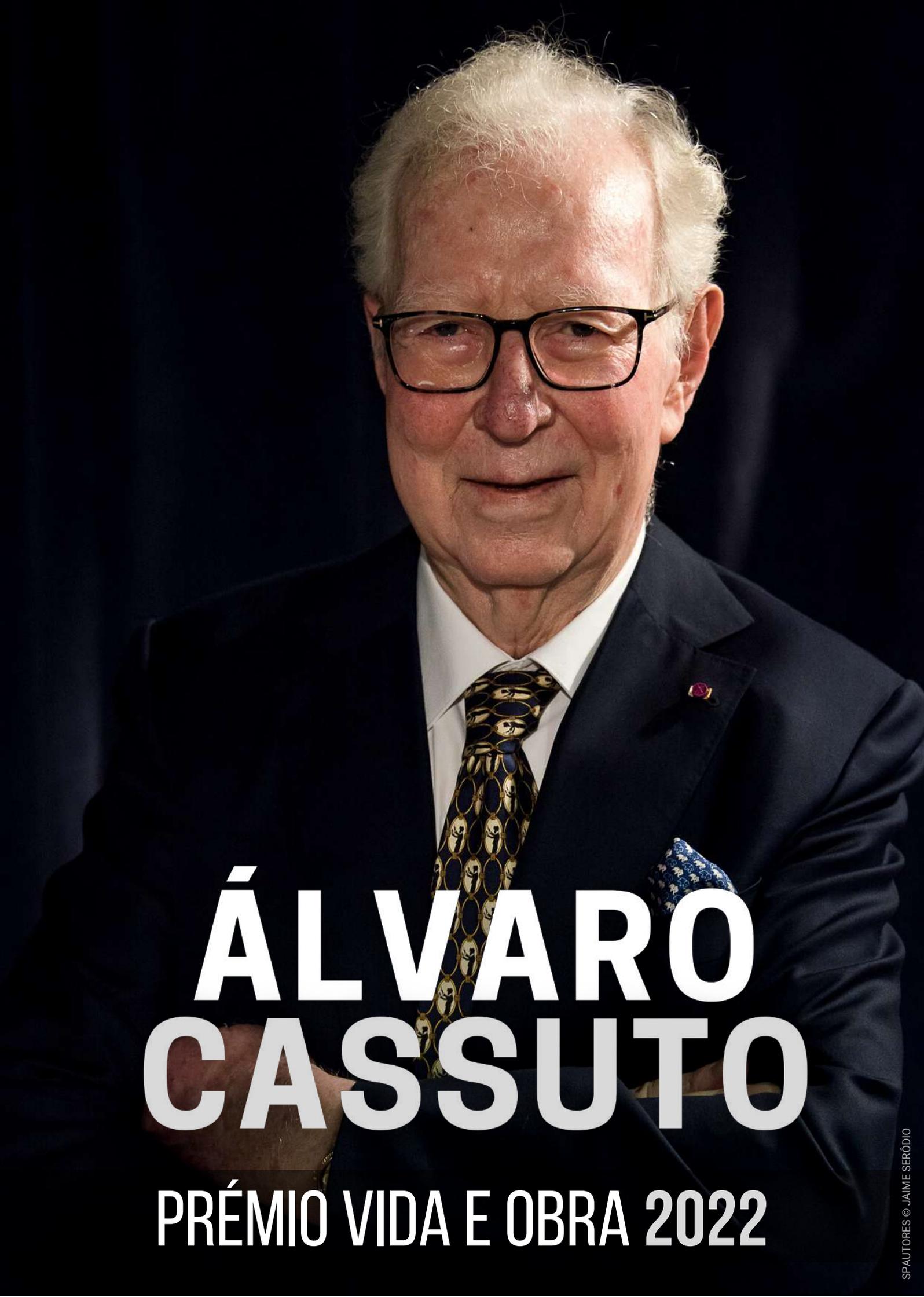
A SPA manifesta o seu pesar pela morte, aos 66 anos, da poeta Ana Luísa Amaral, associada da cooperativa desde março de 2009 e um dos nomes mais marcantes da produção poética nacional, cuja poesia reunida, com um total de 17 títulos, foi publicada pela Assírio & Alvim com o título “O Olhar Diagonal das Coisas”.

Ana Luísa Amaral estreou-se em livro aos 34 anos com “Minha Senhora de Quê”. Foi professora na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Foi tradutora e uma figura de referência dos estudos feministas, indicando sempre como obra de referência o livro “Novas Cartas Portuguesas”. Publicou com Ana Gabriela Macedo o “Dicionário da Crítica Feminista” (Afrontamento), em 2005. Nascida em Lisboa em Abril de 1956, viveu em Sintra na infância e passou a maior parte da sua vida em Leça da Palmeira.

Também publicou livros para a infância e traduções de vários autores. Nunca assumiu o seu percurso poético como carreira, porque a sua carreira foi cumprida na universidade, onde ganhou prestígio e era admirada.

Fazia regularmente na Antena 2 da RDP, com Luís Caetano, o programa “O Som que os Versos Fazem ao Abrir”. Foi distinguida, entre outros, com o prémio Reina Sofia e estava traduzida num número crescente de países. A sua obra será celebrada na Feira do Livro do Porto de 26 de Agosto a 11 de Setembro.

A SPA testemunha o seu pesar solidário à filha e restante família de Ana Luísa Amaral, cujo funeral se realizou para o Tanatório de Matosinhos.

A close-up portrait of an elderly man with white hair and glasses, wearing a dark blue suit, white shirt, and a patterned tie. He is looking directly at the camera with a slight smile. The background is dark and out of focus.

ÁLVARO CASSUTO

PRÉMIO VIDA E OBRA 2022

ENTREVISTA
ÁLVARO CASSUTO

MAESTRO E COMPOSITOR DISTINGUIDO PELA SPA

Vencedor do **Prémio Vida e Obra**, recorda a sua relação com Joly Braga Santos e as gravações que fez para a Naxos, bem como a razão para estar afastado da sua actividade enquanto maestro.

C om que sentimento recebeu este prémio?

O prémio sobre a vida é um facto indiscutível, que eu tenho, felizmente, uma vida longa. O prémio resume-se à duração do tempo que passa. Quanto à obra, isso já é mais complicado. A obra, no fundo, são concertos que dirijo e obras que componho. São duas facetas. Há maestros que são muito exigentes e passam muito tempo a ensaiar e há outros que são mais flexíveis e condescendentes, no sentido de aceitar o que a orquestra lhes proporciona, o que não é o meu caso. Mas há muitas facetas diferentes neste título “vida e obra”. Mas como se vive enquanto se trabalha e enquanto se trabalha a viver, tudo vem a resultar num todo. O júri entendeu entregar-me o prémio e eu agradeço.

E, além do mais, teve a felicidade de fazer muitas gravações.

Pois. As gravações que eu tenho feito com orquestras estrangeiras têm sido por iniciativa da Naxos, que é a maior etiqueta discográfica no mercado, e que é uma honra que se interesse pela música de compositores portugueses. Até ao momento em que o Klaus Heymann – dono da Naxos – concordou em fazer gravações de música portuguesa, que foi em 1997, comigo e com a Orquestra Sinfónica Portuguesa, em





que gravámos quatro das seis sinfonias de Joly Braga Santos, o interesse pela música portuguesa não existia. O nosso trabalho foi coroado de êxito, sempre com excelentes críticas internacionais. Isso encorajou a Naxos a fazer mais gravações, mas havia sempre o problema dos custos. Com angaria -



Há maestros que são muito exigentes e passam muito tempo a ensaiar e há outros que são mais flexíveis e condescendentes, no sentido de aceitar o que a orquestra lhes proporciona, o que não é o meu caso.

ção de fundos conseguimos sempre levar a água ao moinho e correu sempre muito bem. Hoje em dia há cerca de 80 obras que foram gravadas para a Naxos, são 22 CD, com tudo o que é realmente importante na música portuguesa. A minha preocupação foi sempre atrair o grande público, o que é difícil na música portuguesa, porque tem sido muito pouco tocada. Se olhar para a programação da Orquestra Sinfónica Portuguesa, vê uma sinfonia de Joly Braga Santos a cada três anos, se tanto. É manifestamente insuficiente para dar a conhecer ao grande público.

Porque é que isso acontece?

Falta de interesse. Falta de consciência de que o público só consome auditivamente aquilo que lhe é oferecido. Se não lhe é oferecida música de compositores portugueses, não tem acesso de outra maneira. Os discos vêm preencher uma lacuna, mas as obras foram compostas para serem ouvidas a olho vivo. As orquestras só beneficiam por uma obra ser repetida com bastante assiduidade, porque só repetindo a audição das mesmas obras é que as orquestras se familiarizam com o estilo e as obras em si e dominam as obras e as passagens, pouco a pouco. De três em três anos é totalmente insuficiente para uma orquestra se habituar a todas as inflexões, detalhes e pormenores, que a obra exige.

Guarda boas memórias dos seus momentos com Joly Braga Santos?

Eu sempre reconheci o Joly como o nosso maior sinfonista de todos os tempos. Foi com ele que me habituei a discutir todos os pormenores de orquestração. Passava mais tempo em casa dele do que na minha. Havia sempre tanto para aprofundar que o



A minha preocupação foi sempre atrair o grande público, o que é difícil na música portuguesa, porque tem sido muito pouco tocada.

tempo passava muito rapidamente. A memória que eu tenho do Joly é que fez parte da minha vida, desde a noite em que fui fazer uma apresentação sobre dodecafonismo-serial na Academia de Amadores de Música, no Chiado, e em que ele veio ter comigo e disse: “Você tem uma obra para orquestra que eu possa dirigir?” Eu respondi: “Tenho e não tenho”. Ele disse: “Isso não é reposta”. Eu expliquei: “Tenho, porque, efectivamente, tenho, mas não tenho porque já escrevi há algum tempo e as minhas ideias já são diferentes. Mas posso compor uma obra para si.” E ele incluiu uma obra dodecafónica minha num concerto seguinte, em Queluz. E passámos o resto das nossas vidas a discutir música. Foi uma relação muito rica e constante. Eu era o maestro mais exigente da obra dele porque eu compreendia a obra. Eu pude concretizar as ideias dele. Quando gravei a terceira sinfonia dele, por exemplo, eu trouxe-lhe a gravação e ele disse que nunca tinha ouvido a sua obra tão bem tocada.

Que comentário faz à actualidade no que respeita à música?

Não vou comentar. Estou desligado. Pus fim à minha carreira de maestro, porque tenho problemas de saúde e não estou no meu melhor.



As orquestras só beneficiam por uma obra ser repetida com bastante assiduidade.





SPAUTORES © JAIME SERÓDIO

ENTREGA DOS PRÉMIOS **GESAC** "ALAI EUROPEAN AUTOR'S RIGHT AWARD"

Decorreu no passado dia 15 de Setembro a cerimónia de entrega dos prémios GESAC – The European Authors' Societies **"ALAI European Author's Right Award"**.

A mesma realizou-se no Hotel Palácio Estoril, tendo sido da responsabilidade da **Sociedade Portuguesa de Autores** os dois momentos musicais da cerimónia. **Júlio Pereira** abriu a cerimónia e encerrou **Carlos Mendes** com a canção pela Ucrânia da autoria de **José Jorge Letria** e música de **Carlos Mendes**. Em representação da SPA estiveram o Presidente **José Jorge Letria** e a Administradora **Paula Cristina Cunha**.



SPAUTORES © JAIME SERÓDIO

ACTUAÇÃO

JÚLIO PEREIRA

ENTREGA DOS PRÉMIOS ALAI - GESAC



ACTUAÇÃO

CARLOS MENDES

ENTREGA DOS PRÉMIOS ALAI - GESAC



CONFERÊNCIA DEBATE DIREITOS DE AUTOR:



SPAUTORES © JAIME SERÓDIO

A FOTOGRAFIA E O FOTOJORNALISMO

No âmbito da exposição, **“DIAKUYU Fotojornalistas portugueses na Ucrânia”** a Sociedade Portuguesa de Autores e a CC11 promoveram no dia 22 de Setembro uma conferência debate sobre “Direitos de Autor: a fotografia e o fotojornalismo”.

Estiveram na mesa o Presidente da Sociedade Portuguesa de Autores, José Jorge Letria, o Director do Departamento Jurídico da SPA, Carlos Madureira, Alfredo Cunha (Fotojornalista) e Alexandre Almeida (Curador).

MANUEL COELHO DA SILVA

1947 - 2022

A Sociedade Portuguesa de Autores lamenta a morte, de Manuel Coelho da Silva, que presidia ao Conselho de Opinião da Rádio Televisão de Portugal (RTP) desde 2004, tendo sido um grande defensor dos direitos dos autores e do serviço público de rádio e televisão.

Nascido em Soure, em 22 de janeiro de 1947, licenciado em Direito pela Faculdade de Direito de Coimbra, fez uma formação complementar em Comunicação Social, tendo sido também advogado.

O ministro da Cultura, Pedro Adão e Silva, também lamentou publicamente a perda, destacando que Manuel Coelho da Silva “deixou um contributo importante para o cumprimento da missão pública” da RTP. Note-se que Manuel Coelho da Silva teve especial relevância na criação do Conselho Geral Independente da RTP, tendo, sublinha-se, exercido durante quase vinte anos a presidência do Conselho de Opinião daquela instituição.

A SPA apresenta as suas sentidas condolências aos familiares de Manuel Coelho da Silva, que morreu aos 75 anos.

NATÁLIA CORREIA

100 ANOS

CONCERTO DE HOMENAGEM

No ano em que se assinalam os **100 anos** de nascimento de **Natália Correia**, o compositor Renato Júnior musicou alguns dos poemas mais emblemáticos da escritora e algumas das melhores vozes femininas interpretam-nos num concerto único.

Ana Bacalhau, Áurea, Amélia Muge, Elisa Rodrigues, Katia Guerreiro, Mafalda Veiga, Patricia Antunes, Patricia Silveira, Maria João, Rita Redshoes, Sofia Escobar e Viviane, são os nomes que irão estar em disco e em palco com este projecto.

Será um concerto inteiramente alicerçado na poesia de Natália Correia, nas suas mais variadas vertentes, com concepção artística e musical de **Renato Júnior**.

22 DE NOVEMBRO DE 2022

AULA MAGNA

21H30